

OS VERÕES

Luiz Carlos Corrêa Carvalho (Caio)

caio@canaplan.com.br

“Existem, sob as cinzas das saudades, lembranças semi-apagadas que continuam vivas na memória da gente e com o passar dos anos, reacendem e relumeiam recordações enevoadas”.

Eduardo Diniz Junqueira, Um pé de prosa, 2004

A releitura, no virar de 2005, de livros com passagens brilhantes e novas leituras especiais como o Valor do Amanhã (Eduardo Giannetti), chamou-me a atenção depoimentos de vida e de inteligência, que merecem reflexão.

Primeiro, exatos 20 anos atrás, Lamartine Navarro Jr. (A Construção da Sociedade Auto-Sustentável) traduz Lester R. Brown e, na sua nota de tradutor diz que *“o futuro da humanidade depende da reformulação dos valores de nossa geração”*. O livro tem passagens fantásticas, como, por exemplo, a escolha das grandes ameaças ao planeta Terra: *“a erosão do solo e a sua conversão para outros usos que não a agricultura; a relação insustentável que se desenvolveu entre a civilização contemporânea e os sistemas naturais biológicos que a suportam (demandas sem precedentes e recordes populacionais); a possibilidade do término das reservas de petróleo antes que fontes alternativas de energia renovável sejam desenvolvidas”*. Citando a OPEP e o seu poder, o autor comenta que *“apesar do declínio do petróleo afetar mais profundamente as estruturas sócio-econômicas dos países industrializados, o impacto social naqueles que vivem precariamente, próximo ao limite mínimo de subsistência, será infinitamente maior”*. Analisando a transição energética esperada (lembrete: quando o livro foi escrito o petróleo tinha preços de US\$ 10/barril), o autor cita que *“a transição para a energia renovável conferirá à economia global uma permanência que falta às economias baseadas em carvão e petróleo. Além disso, nos livrará de um regime internacional energético injusto e instável, uma vez que ao contrário de carvão e petróleo, a energia solar é difusa, disponível de várias formas e acessível à todos*

os países..... a transição resultará na modificação de hábitos alimentares, distribuição da população e meios de transporte..... a posição competitiva atual das nações no mercado mundial". É realmente agradável reler a intuição privilegiada de gente como essa, vinte anos atrás.

Interessantemente, é o mesmo período em que cai o Muro de Berlim e a longa guerra fria é esquecida. Em teoria, os controles de governo e as ideologias seriam substituídas pela relação madura entre o homem e o meio ambiente..... O planeta Terra passaria a girar entre a social-democracia e a liberal-democracia, que, em teoria, facilitaria o desenvolvimento do mundo, aproximando as "pontas" e iluminando os caminhos. Mas foi assim?

Vários verões se passaram, e nestes 20 anos as tendências de liberalização das economias se confirmaram, com pequenas exceções. Tão pequenas que, por vezes, somente não são esquecidas porque tem líderes carismáticos ou fanáticos, mesmo que usem, somente o espelho retrovisor. Mesmo assim, irritam o "poder global" e são fonte de instabilidades.

Vivemos o verão dos 30 anos do PROALCOOL no Brasil, e a memória traz nomes ilustres que tiveram a visão do futuro. Citei Lamartine, e quero citar Cícero Junqueira Franco e Eduardo Diniz Junqueira, entre outros, como os padrinhos desse êxito que é o álcool carburante brasileiro. Cícero dizia, anos atrás, que *"bicho que anda só é comida de onça"*, pregando a união e ações conjuntas, características de quem busca o desenvolvimento coletivo, equilibrado, com a sabedoria da história. O danado é que na época era possível pelos mecanismos de intervenção do governo e hoje, se não muito trabalhado, é considerado cartel. Na realidade, trata-se de questionar: como operar um setor de combustíveis que não pode ficar ao "Deus dará"? Afinal, quem compra um veículo espera a certeza do combustível; quem investe na produção espera o mercado; quem financia ou suporta o programa, espera que o consumidor seja atendido e o capital retornado. Como fazer isso tudo funcionar aos ventos e às chuvas de "manga" do verão?

Há 15 anos atrás, inoperâncias ou ações estratégicas atingiram o coração do consumidor de álcool: houve faltas localizadas do produto, despertando iras, desconfianças e gerando descréditos. As lembranças quando buscadas, são mais

fáceis de se encontrar se sensações retornam..... as lições, no entanto, nem sempre são apreendidas. Não há gosto, nem cheiros, que tragam lembranças como estas. Ou como cita trecho do livro de Eduardo D. Junqueira que no caminhar em certa direção o homem diz que *“em alguns trechos, o cerrado recendia ao perfume do marolo e à doçura da mangaba”*. São lembranças vividas, retornando no tempo ao sabor dos cheiros ou gostos.

Nos dias atuais, Eduardo Giannetti (O Valor do Amanhã) relata que *“por estranho que pareça, tudo o que aconteceu alguma vez sob o Sol está acontecendo ainda (ou prestes a acontecer) em algum ponto do Universo”*. Há uma lógica clara nisso pois as distâncias são infinitas..... Mas isso me fez lembrar que as pessoas agem como se vivessem em diferentes planetas (isso faz com que muitas ainda não tenham visto o que aconteceu). O mesmo autor diz, em outro trecho, que *“o passado e o futuro dialogam e se relacionam por meio das nossas ações. Se as escolhas do presente determinam em larga medida o nosso futuro, o futuro sonhado determina, ao menos em parte, as escolhas que fazemos no presente”*.

O nosso futuro é energia renovável e lá chegaremos lastreados nas decisões ou ações que tomamos agora. Não é agredindo o consumidor, ou o leitor (pior ainda o eleitor) que atenderemos ao futuro sustentado que certamente desejamos (do fundo da alma).

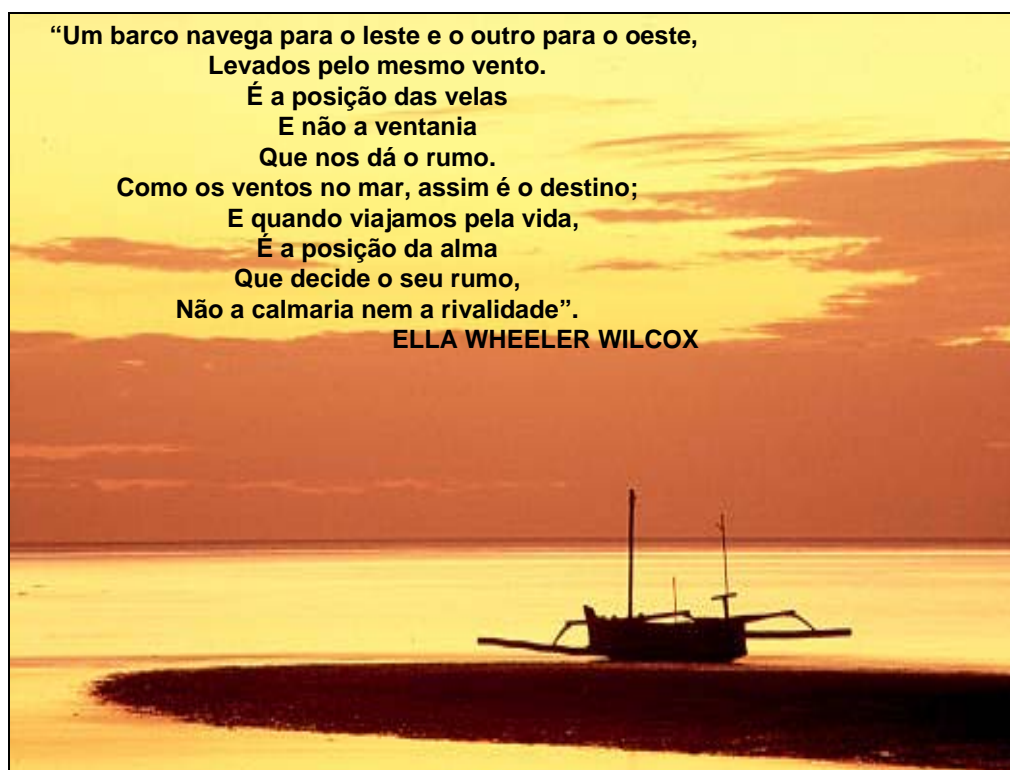
Em pleno verão de 2005/06, no passar de dezembro/05 para janeiro/06, os preços do etanol sobem face a conjuntura de elevada demanda (interna e externa) e de compras pressionadas pela mudança na regulação (corantes no álcool anidro da ANP e mudanças no controle de vendas do álcool hidratado). Há 20 anos atrás faltava demanda e, em conseqüência, os estoques eram elevados mas o preços eram tabelados. A crise era de desconfiança do produtor; hoje, os estoques são baixos, os preços livres e a desconfiança é do consumidor..... sinal só dos tempos?

A verdade é que entre os Muros e o Paraíso da Liberdade, está o homem e a sua idiosincracia; está o governo e a necessidade de se manter no poder; o produtor que busca margens melhores e o atacadista que as pressiona..... o

consumidor que, eleito rei, impõe-se em momentos-chave, como, por exemplo, em período eleitoral.

Os dias, quentes, quase são indiferentes ao que se passa entre todos. Só não o são, de fato, porque sobe a temperatura do planeta Terra (aquecimento global) e a resposta é, entre outras, o combustível renovável.

Retorna em cena o Eduardo Giannetti, no citado livro, dizendo que *“diferentes formas de organização social implicam formas marcadamente distintas de lidar com o amanhã”*.



**“Um barco navega para o leste e o outro para o oeste,
Levados pelo mesmo vento.
É a posição das velas
E não a ventania
Que nos dá o rumo.
Como os ventos no mar, assim é o destino;
E quando viajamos pela vida,
É a posição da alma
Que decide o seu rumo,
Não a calmaria nem a rivalidade”.**
ELLA WHEELER WILCOX

Hoje, com um Brasil de juro estratosféricos, há que se viver cada dia, se possível, sem empréstimos, como o último dia. Vivemos com o medo do passado, o pesadelo da inflação, com a agonia de sonhar o amanhã melhor, com a mesma atitude de antes... vale, então, lembrar Einstein (*“os principais problemas que nos deparamos não podem ser resolvidos no mesmo nível de pensamento que tínhamos quando os criamos”*).

Os temas ou os produtos mais próximos de nós, quando muito valorizados acentuam a “miopia” temporal (Eduardo Giannetti), fazendo o homem atribuir um valor muito valioso a ele(s), em detrimento daquilo que irá valer mais a frente. Esse é um tema recorrente e se tornou um “rótulo” no produtor de açúcar e álcool. Há que se desmistificar isso, com claro posicionamento, sem dubiedades. O açúcar, hoje, tem preços excepcionais graças principalmente à maior produção do etanol, provocando uma opção geral vantajosa.

Nas chuvas do verão cáustico de Brasília em janeiro/06, houve do lado governo, um chamamento “complexo”: os preços do álcool não podem mais subir..... e não subiram!! Como pode ser? O governo não tabelou, só ameaçou; o produtor-líder, na armadilha de sua ilusão ou na ilusão do não realizável, não “sentiu” o cheiro de 2003, nem os martírios do FHC e suas taxas impostas ao setor..... sobrou-lhes, então, o gosto amargo das lembranças esquecidas em pleno verão. Vale citar novamente Lamartine: *“o futuro da humanidade depende da reformulação dos valores de nossa geração”*